

28-01-2022

VIDAS NO TEMPO DO DESPERDÍCIO

Valdir Specian

[Professor Universidade Estadual de Goiás, Doutorando em Geografia.
Membro do Grupo Espaço, Sujeito e Existência Dona Alzira]

Nos últimos dias do ano de 2021 algumas reportagens/imagens chamaram minha atenção e, talvez, de uma parcela da sociedade.

A primeira é a reportagem sobre as roupas (novas e usadas) jogadas no deserto do Atacama no Chile. A fotografia (veja) mostra mulheres/crianças escolhendo peças em meio à montanha de roupas descartadas no deserto mais árido do planeta.

A segunda reportagem (veja) é sobre as crianças Yanomamis que estão morrendo por desnutrição e doenças e/ou são sugadas por dragas de garimpeiros que atuam dentro do território indígena nos estados do Amazonas e Roraima.

A terceira reportagem (veja) faz referência ao menino que ficou feliz em encontrar no meio do lixo uma árvore de natal.

Pausa na busca de alimentos para guardar a árvore e que mais tarde seria levada para enfeitar sua casa.

O que essas imagens/reportagens têm em comum?

São um retrato de nossa sociedade. A quantidade de roupas novas e usadas descartadas no deserto do Atacama é uma marca da sociedade de consumo. Produz-se muito mais do que é necessário ao preço do esgotamento dos recursos naturais, enquanto pessoas não têm o que vestir/comer em várias partes do mundo. Uma roupa nova ainda é um presente favorito daqueles que não tem o que comer e/ou vestir. Boa parte dessas roupas descartadas no Deserto de Atacama são produzidas na Europa - o mesmo velho continente que nega abrigo aos refugiados famintos que chegam com a roupa do corpo em precárias barcaças em seus portos -. No Brasil a indústria têxtil está entre as que registram as piores condições de trabalho, exploração de trabalhadoras e suas crianças - migrantes em ambientes insalubres, sem direitos, sem salário digno, sem direito à vida -. Nas “indústrias têxteis clandestinas” de São Paulo, a mão de obra é indígena - peruana e boliviana -. A produção de roupas é feita à custa da exploração do ambiente (crianças, mulheres/homens, animais, plantas, água, solos, rochas...); e qual a relação disso com os territórios indígenas!?... Vivemos o tempo em que não basta ameaçar as terras indígenas já demarcadas e/ou deixar de reconhecer territórios indígenas não homologados; querem mais, estão matando as crianças indígenas, é a descontinuidade dos povos. O maior obstáculo para a usurpação dos territórios indígenas são os próprios povos indígenas. Os garimpeiros são aqueles “contratados” para fazer esse serviço sujo, cujo objetivo final é incorporar mais áreas para exploração e produção daquilo que não “será consumido”. No devido tempo os garimpeiros serão expulsos/descartados ou “convocados” para prestar “serviços” em outras terras. Não podemos deixar cair no esquecimento que o Brasil é governado por um genocida e as crianças Yanomamis são as vítimas da vez.

Faço uma ressalva, segundo a Comissão da Verdade, o genocídio Yanomami começa com o ex-presidente da FUNAI - Romero Jucá (com STF e tudo para lembrar...) -. A estratégia é clara - eliminam-se os líderes indígenas e suas crianças - exterminam-se as comunidades.

E as crianças nos lixões... a já esquecida Política Nacional de Resíduos Sólidos – PNRS (Lei 12.305/2010) ou mesmo o privatizante Novo Marco Regulatório do Saneamento (Lei 14.026/2020) foram postergando o fim dos lixões; deveria ser em 2021 e agora é previsto para 2024 - via mão invisível do mercado -. No Brasil costuma-se atribuir culpa às vítimas.

Dizer que a culpa das crianças estarem nos lixões deva ser atribuída à família, ou à própria criança, é o mesmo que afirmar que só existem crianças nos lixões porque existem lixões. As crianças dos lixões são aquelas que viram seus direitos negados, cujos pais ou avós foram expulsos do campo e/ou fugiram do flagelo da seca e da fome.

As crianças dos lixões são aquelas que deveriam usufruir da escola em tempo integral. No Brasil faltam vagas em creches e, para amenizar o problema, secretários de educação fecham uma sala de tempo integral para abrir duas salas de tempo parcial. Faltam lugares nas creches, sobram vagas nos lixões e no colo das mães exploradas na indústria têxtil. A Árvore de Natal descartada - perfeita para o Gabriel da Silva - deve ter sido produzida na China e exportada ao Brasil; antes porém, foi preciso produzir minério de ferro e manganês em Mariana e/ou Carajás.

Os trens de conflito da Companhia Vale do Rio Doce carregados com minério atravessam as comunidades no Estado Maranhão e, após serem embarcadas em navios, servem às indústrias chinesas. As partes em plástico da árvore talvez tenham sido produzidas por meio de resinas derivadas de petróleo extraído de algum local do Brasil e exportado para o país do oriente. Para se extrair os recursos minerais comunidades inteiras são atingidas: indígenas, camponesas, quilombolas, ribeirinhos, pescadores.... Você trocou sua árvore de natal por uma mais nova no último ano? Essas reportagens têm em comum o nexo de uma sociedade de exclusão - a mesma que não apresenta limites na exploração dos recursos naturais. A expropriação da vida é um marco de nossa sociedade, aqueles que têm o território negado farão parte dos excluídos do consumo e consumirão as sobras do mundo / as sobras de nossas casas.

Quando olhamos para o lado e observamos que existe alguém precisando de ajuda, uma criança com fome... é um sinal de que o nosso futuro está comprometido, um sinal de que a humanidade está falhando.

As consequências chegam mais rápido para alguns, é verdade.

Mas, chegará para todas/todos em seu devido tempo.

**Não precisamos de mais terra para plantar commodities,
precisamos distribuir terras e plantar alimentos;**

**Não precisamos do ouro de garimpos,
precisamos de casa para morar;**

**Não precisamos de mais etiquetas,
precisamos de roupa para vestir;**

**Não precisamos acumular,
precisamos viver;**

**Não precisamos desmatar,
precisamos distribuir renda e acabar com a fome;**

**Não precisamos de desperdício,
precisamos de vida.**

■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.
A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões,
na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*